

Embrapa propõe parceria à iniciativa privada

DIVULGAÇÃO

Dizem que é a necessidade que faz o sapo pular, e esta verdade tanto vale para o sapo, quanto para uma empresa ou governo em tempos de crise. Esse parece ser também o pensamento do presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Murilo Flores, ao avaliar a situação da empresa no momento em que ela completa 20 anos de existência.

“Temos hoje dois grandes desafios pela frente”, diz Murilo, “o primeiro é recuperar todo o sistema de pesquisa agropecuária no País, que nos últimos anos tem sido deixado à deriva, em especial nos estados, e mesmo a nível federal. Estamos buscando recursos junto ao Banco Mundial e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bird/Bid) para promovermos a recuperação de todo o sistema”.

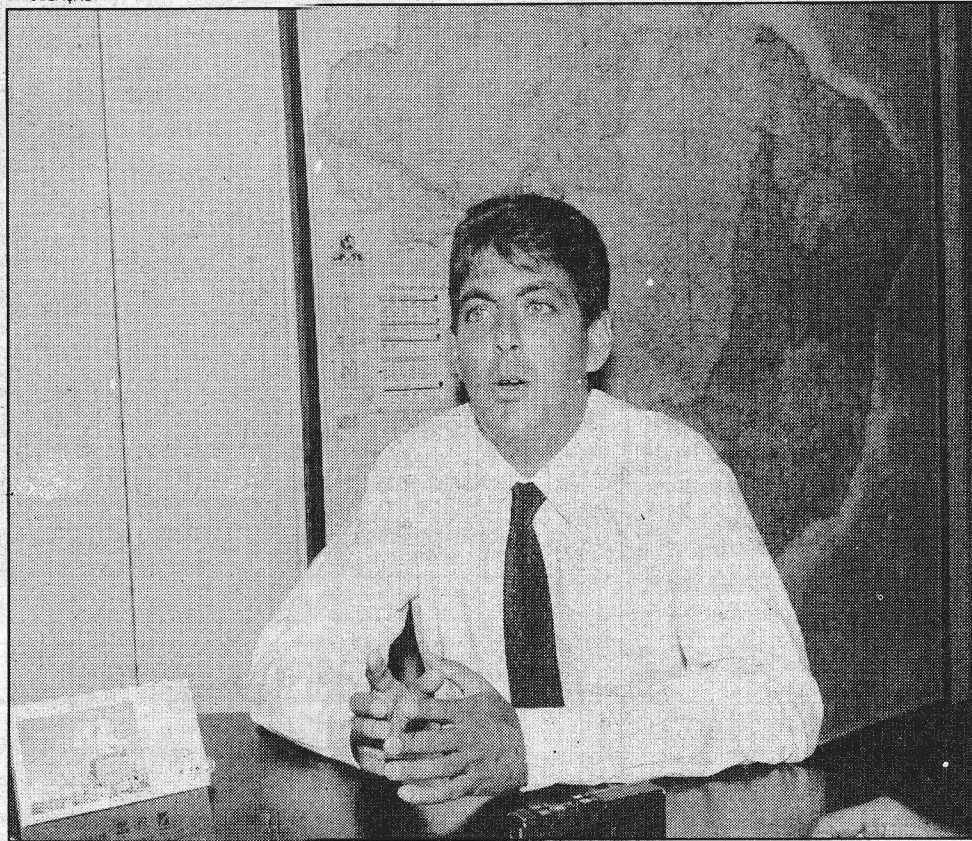
O segundo desafio, é a continuidade da busca de parceiros junto à iniciativa privada, para o desenvolvimento de novos projetos na área de ciência e tecnologia. “O momento em que vivemos não permite que uma empresa viva com um só cliente. No nosso caso, não podemos contar apenas com os recursos do Tesouro Nacional. É preciso contar apenas com os recursos do Tesouro Nacional. É preciso convencer o setor privado a investir mais em ciência e tecnologia, ampliar o leque de parcerias e trabalhar de acordo com as demandas que a sociedade apresenta”, conclui Murilo Flores.

“É claro que essa busca de novas parcerias não exclui nem desobriga a participação do Governo, especialmente naquelas áreas básicas e fundamentais da pesquisa, onde a iniciativa privada não encontra estímulo para investir”, argumenta.

Para o presidente da Embrapa, a vida da empresa pode ser dividida em três fases: a primeira, que vai da sua criação em abril de 1973 até início dos anos 80, foi o período de implantação, com amplos investimentos em infra-estrutura e formação de recursos humanos. Nessa fase, criou-se o Sistema Cooperativo de Pesquisa Agropecuária, coordenado pela Embrapa e com atuação em todas as unidades da Federação, seja através de unidades próprias, ou em colaboração com os governos estaduais.

Crise — A segunda fase, a partir de meados dos anos 80, trouxe para a empresa o impacto da crise econômico-financeira que atingiu o País e provocou grandes mudanças no modelo agrícola institucional. Foi um período de dificuldades no relacionamento da empresa com o público e com as instituições públicas e privadas, afetando bastante o processo de geração e transferência de tecnologias.

Finalmente, a terceira fase representada por esse início da década de 90, onde os problemas vividos na fase anterior obrigaram a Embrapa a encarar de frente as suas dificuldades e discuti-las em todas as instâncias,



Murilo busca atrair a iniciativa privada para novos projetos ligados à pesquisa

interna e externamente. “Fomos levados a discutir um modelo institucional para a empresa e criar novas formas de relacionamento com a sociedade, buscando uma maior identificação com o modelo de desenvolvimento pretendido por essa sociedade. Fizemos isso e agora, neste ano de 1993 nossa tarefa é implantar o novo modelo resultante das consultas realizadas durante o período anterior”.

Murilo Flores admite que a fase difícil dos anos 80 afetou bastante o desempenho da Embrapa. “A falta de recursos financeiros foi desgastante e nos levou a rever nossas prioridades. O modelo de desenvolvimento sustentado que trabalhávamos passou a ter outros eixos como a biotecnologia e a busca da qualidade dos produtos oferecidos. Felizmente a crise não afetou nossa infra-estrutura a ponto de prejudicar a qualidade do nosso trabalho, embora tenha reduzido o seu impulso”.

Equívocos — Ele reconhece também, que durante um bom tempo, por um equívoco no modelo de desenvolvimento agrícola, a tecnologia gerada pela Embrapa era praticamente inacessível ao pequeno produtor, deixado à margem do processo e sem condições de acesso ao mercado. O pequeno produtor não era prioridade e as condições do conjunto não o favoreciam.

O presidente da Embrapa admite ainda, o engano da orientação inicial das pesquisas da empresa baseadas na “Revolução Verde”, com ênfase no emprego massivo de agrotóxicos e mecanização pesada. Os custos financeiros e ambientais dessa fase mostraram sua inviabilidade e forçaram a busca de tecnologias alternativas que priorizassem a preservação do meio ambiente.

“Podemos dizer que trocamos a Revolução Verde pela Biorevolução, buscando criar novas tecnologias e insumos com base na biotecnologia, e hoje caminhamos para uma agricultura sustentável com menores riscos de degradação ambiental e novas tecnologias. É claro que isso foi motivado pela pressão da própria sociedade.

Sequela — Uma das piores consequências da crise financeira nacional sobre a Embrapa foi a desagregação do sistema cooperativo de pesquisa agropecuária, que se não chegou ao ponto de inviabilizá-lo, o deixou bastante fragilizado, especialmente em algumas unidades da Federação, provocando nos quadros da empresa e suas vinculadas, uma evasão de recursos humanos (pesquisadores e técnicos de nível médio, esses em maior quantidade), mas principalmente uma grande desotivação para com suas atividades. E essa, provavel-

mente, a pior sequela da crise.

Murilo Flores entende que nem sempre a Embrapa recebeu a devida consideração por parte do poder público na formulação das políticas e programas voltados para a agricultura no Brasil, o que é lamentável. Mas que a empresa tem procurado modificar essa situação através de uma atitude mais agressiva nos seus contatos, sejam eles com órgãos e entidades públicas oficiais, ou organismos internacionais e empresas privadas. Além disso, com a absorção da responsabilidade pela coordenação das atividades de assistência técnica e extensão rural, abriu-se uma maior possibilidade de interferir no processo de desenvolvimento e influir no modelo a ser implantado.

Município — “Temos obtido sucesso em nossas intervenções, observa o presidente da Embrapa, citando como exemplo que “no ano passado lançamos durante o Fórum de Secretário de Agricultura, a idéia de fortalecimento da agricultura a partir do município, idéia hoje adotada pelos secretários em todos os estados.

O principal entretanto, diz Murilo Flores”, é que decidimos buscar a parceria com o setor privado, garantindo a presença do setor público no atendimento das demandas da sociedade e assegurando maior transparência em nossas ações. Resolvemos, apesar da crise, reformular a empresa, e este ano de 1993 iniciamos a implantação do novo sistema. O Ministério da Agricultura nos deu total autonomia para levar adiante o nosso propósito e, o mais importante, este ano já temos uma recuperação orçamentária que nos permitirá exercitar em melhores condições os nossos programas e projetos”.

“Enfim, hoje temos novos instrumentos e recursos para enfrentar o grande desafio que é dotar o País de um modelo de desenvolvimento agrícola sustentado sem agressões ao ambiente e capaz de gerar alimentos e riqueza para combater a fome e a miséria do País”, concluiu o presidente da Embrapa.